

Ésquilo

Prometeu Acorrentado

Tradução em Prosa de D. Pedro II

Prefácio

Adriane da Silva Duarte

Estudos

Beatriz de Paoli

Alessandra Bettencourt Figueiredo Fraguas

Transcrição, aparato crítico e notas

Ricardo Neves dos Santos



Copyright © 2023 by Editora Madamu

Editores

Marcelo Toledo e Valéria Toledo

Projeto Gráfico

KOPR Comunicação. Imagens de capa:

Busto de Ésquilo (Azoor Photo Collection/Alamy Stock Photo)

Retrato de D. Pedro II (c. 1885. Foto de Marc Ferrez.

Coleção Gilberto Ferrez/Acervo IMS)

Impresso no Brasil.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Todos os direitos desta edição são reservados à Editora Madamu

Rua Terenas, 66, conjunto 6, Alto da Mooca, São Paulo, SP

CEP 03128-010 - Fone: (11) 2966 8497

www.madamu.com.br

E-mail: leitor@madamu.com.br

E77p Ésquilo. (circa 524 a.C. - 455 a.C)

Prometeu Acorrentado. Tradução em prosa de D. Pedro II.
Transcrição, aparato crítico e notas de Ricardo Neves dos Santos.
Prefácio de Adriane da Silva Duarte. Estudos de Beatriz de Paoli
e Alessandra Bettencourt Figueiredo Fraguas. 1ª. ed. - São Paulo:
Editora Madamu, 2023.

140p., 14 x 21cm

ISBN 978-65-86224-46-7

1. Teatro Grego. 2. Tragédias. I. Título. II. Autor.

CDD: 882

Índices para catálogo sistemático:

1. Teatro Grego. 2. Tragédias. I. Título. II. Autor.

*Essa obra é dedicada à população de Petrópolis, RJ,
e à memória das pessoas que morreram em consequência
das fortes enchentes ocorridas em fevereiro de 2022.
Nossos votos são para que a cidade que abriga o Museu Imperial
se levante ainda mais forte e bela, alcançando com valentia
e esperança o consolo de dias melhores.*

Gratidão e Reconhecimento

Ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro pelo apoio à pesquisa que deu origem a este livro, permitindo a reprodução de imagens do manuscrito da tradução de D. Pedro II da tragédia *Prometeu Acorrentado* de Ésquilo, bem como a autorização para a publicação integral da transcrição realizada. Meus sinceros agradecimentos ao Presidente do Instituto, Victorino Chermont de Miranda, à Chefe do Arquivo do Instituto, Sônia N. de Lima, e à Arquivista do Instituto, Iliana F. Monteiro, por todo profissionalismo e auxílios prestados.

À Alessandra Bettencourt Figueiredo Fraguas, Historiadora e Pesquisadora do Museu Imperial, e à Beatriz de Paoli, Professora de Língua e Literatura Gregas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, por contribuírem com seus respectivos estudos para esta obra.

À Adriane da Silva Duarte, Professora de Língua e Literatura Gregas da Faculdade de Filosofia, Letras, e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, pelo imprescindível papel que teve desde a origem da pesquisa que deu origem a esse livro.

Ao Marcelo Toledo, por todo auxílio, esclarecimentos e apoio prestados ao longo do processo de edição desta obra.

Levaram-se mais de 150 anos para que a tradução em prosa de D. Pedro II da tragédia *Prometeu Acorrentado* de Ésquilo fosse pela primeira vez publicada integralmente em livro, e sou muito grato em fazer parte dessa instigante história juntamente com vocês.

São Paulo, 2023

R. N. S.

Sumário

Prefácio Prometeu enfim libertado Por <i>Adriane da Silva Duarte</i>	9
Estudo <i>Prometeu Acorrentado</i> , de Ésquilo: poder, soberania e o conhecimento do futuro Por <i>Beatriz de Paoli</i>	17
Estudo D. Pedro II, um intelectual do Oitocentos Por <i>Alessandra Bettencourt F. Fraguas</i>	37
Estudo O manuscrito imperial do <i>Prometeu Acorrentado</i> : o inusitado prelúdio de sua transcrição e publicação Por <i>Ricardo Neves dos Santos</i>	45
Tradução em prosa do <i>Prometeu Acorrentado</i> Por <i>Dom Pedro II</i>	88
Bibliografia	135

Prefácio

Prometeu enfim libertado

Por Adriane da Silva Duarte¹

OS ESTUDOS DE RECEPÇÃO dos Clássicos no Brasil têm vivido grande expansão ao longo da última década, embora ainda haja muito a ser explorado. Entender como a herança greco-latina foi transmitida, apropriada, interpretada e recriada em contextos variados e através dos mais diversos meios, dando origem a traduções, novos textos, representações teatrais, filmes, telas e esculturas, é passo importante para compreender a cultura brasileira que se origina dessa e de outras tradições que compõem esse país plural.

Nesse sentido, a iniciativa de Ricardo Neves dos Santos, ao resgatar a tradução que D. Pedro II fez da tragédia atribuída a Ésquilo, o *Prometeu Acorrentado*, constitui uma contribuição importante para traçar o percurso que as obras gregas cumprem

1. Professora Titular de Língua e Literatura Grega da Universidade de São Paulo (USP). Líder do Grupo de Pesquisa *Estudos sobre o Teatro Antigo*. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

em solo brasileiro, ao mesmo tempo em que dá testemunho da formação do monarca, que desde a infância preparou-se para o exercício do poder. No século XIX, o conhecimento do grego e do latim, entre outras línguas modernas e antigas, fazia parte do programa de estudos, formativo mesmo, das elites, até aqui nos trópicos. E D. Pedro não se furtou a ele, tendo demonstrado, inclusive, gosto em segui-lo ao longo de toda a sua vida.

A primeira notícia que tive da tradução do *Prometeu* por D. Pedro foi através de Haroldo de Campos (1997) que, em um ensaio dedicado às versões que João Cardoso de Menezes, o Barão de Paranapiacaba, e Ramiz Galvão fizeram a partir da tradução do Imperador, faz, como era de se esperar, referência a ela. Essa tradução, contudo, não era objeto da atenção do poeta e isso se explica, entre outras razões, pelo fato de o texto permanecer inédito, arquivado no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no Rio de Janeiro, sem, até então, ter atraído o interesse dos pesquisadores.

Essa situação mudou quando Ricardo Neves dos Santos, então em busca de um tema para sua dissertação de mestrado, tomou conhecimento da existência desse manuscrito por uma menção que dele fiz em um artigo que advogava a necessidade de se escrever uma história da tradução dos clássicos no Brasil (DUARTE, 2016). Imbuído de um raro faro para pesquisa, ele foi em busca do texto e, ao obtê-lo, não se desencorajou diante da tarefa de decifrar a caligrafia do monarca e proceder à transcrição e análise do documento, que, agora publicado, será dado ao conhecimento de um público mais amplo.

Não se espere do Imperador uma tradução artística, mas antes um bem composto trabalho de um aluno dedicado da lín-

gua grega, que, não obstante isso, conta com belas soluções para algumas passagens. O próprio D. Pedro reconhecia os limites de sua pena, ao encomendar aos dois amigos talentosos, os Barões de Paranapiacaba e de Ramiz, versões poéticas para sua versão em prosa. Apesar disso, o leitor pode esperar, dessa que, até onde se pode afirmar, é a primeira versão brasileira da tragédia de Ésquilo, uma leitura agradável. Pode-se dizer que Prometeu está, enfim, libertado.

Prometeu encadeado³¹ *de Ésquilo*

A Força; a Violência³²; Vulcano³³; Prometeu.

A Força

Chegamos à terra remota, à região cita; a ermo despovoado. Vulcano, cumpre cuidares das ordens, que te deu o pai de ligar este malfeitor aos rochedos alcantilados com algemas infrangíveis de vínculos de aço. Tua chama com efeito; o brilho do fogo útil a todas as artes deu-o aos mortais, tendo-o furtado. Na verdade cumpre que expie para com os deuses tal pecado, para que aprenda a venerar o poder de Júpiter³⁴, e desista de hábitos filantrópicos.

31. Título dado pelo Imperador Dom Pedro II à sua tradução, concluída em 14 de abril de 1871, como registrado ao final do seu manuscrito. O documento (Doc. 4695-A) está depositado atualmente no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, localizado no Rio de Janeiro, a partir do qual é feita a presente transcrição. Também há um manuscrito de um estudo preliminar feito pelo Imperador para essa tradução que está depositado no arquivo do Museu Imperial (Maço 37 - Doc. 1057 B. de Dom Pedro II, Museu Imperial/ Ibram/ Ministério da Cidadania).

32. Força e Violência (no grego: *Kratos* e *Bia*). Hesíodo (*Teogonia* vv.383-9) afirma que estas duas divindades são prole de Estige, filha de Oceano.

33. “Vulcano” = “Hefesto”, deus do fogo e da metalurgia. D. Pedro II prefere utilizar os nomes latinos para se referir às divindades gregas, prática comum entre os classicistas brasileiros do século XIX, entre os quais podemos destacar Odorico Mendes (1799-1864) com suas traduções da *Ilíada* (publicada postumamente em 1874) e da *Odisseia* (também publicada postumamente em 1928).

34. “Júpiter” nome latino para “Zeus”, rei dos deuses do panteão grego.

Vulcano

Força, e Violência, o mandado de Júpiter teve cumprimento de vossa parte, e nada mais resta. Sou tímido para encadear com violência um deus parente ao despenhadeiro hibernoso. Mas em todo o caso a necessidade disto deve dar-me audácia; pois descurar as ordens do pai é grave. Filho profundamente pensador da reta conselheira Têmis³⁵, constrangido pregar-te-ei constrangido com cadeias indissolúveis neste monte inóspito, onde nem voz nem figura de homem verás; mas queimado lentamente pela chama brilhante do sol perderás o mimo da cor. A ti alegrado a noite de manto variegado ocultará a luz, e o sol dissipará de novo a geada matutina. Porém sempre te atormentará o pesar do mal presente; pois quem deve livrar-te não nasceu ainda. Isto colheste de teus hábitos filantrópicos; pois, qual deus, não temendo a cólera dos deuses, deste aos mortais honras além do justo. Por cuja causa guardarás este ingrato rochedo em pé; insone; não curvando o joelho, e voltarás muitas lamentações, e gemidos inúteis; porque o ânimo de Júpiter é dificilmente flexível. Rigoroso é quem recentemente governa.

Força

Faça-se. Por que tardas, e te compadeces, em vão? Por que não odeias o deus mais inimigo dos deuses, que deu traiçoeiramente teu privilégio aos mortais?

35. Têmis é a deusa grega que personifica a lei divina, a vontade dos deuses e o que é estabelecido como norma (HESÍODO, *Teogonia*, vv. 901-6.)

Vulcano

O parentesco é na verdade muito forte assim como a familiaridade.

Força

Concordo; mas desatender às palavras do pai como é possível? Não temes isto mais?

Vulcano

Tu sempre desapiedada e cheia de audácia.

Força

De nada vale deplorá-lo; não faze pois cousas, que nada aproveitam.

Vulcano

Ó muito odiado trabalho manual.

Força

Por que o odeias? Pois, dizendo a verdade, não é a arte a causa dos males presentes.

Vulcano

A outrem conviria caber ela por sorte.

Força

Tudo foi feito para os deuses, exceto imperarem; pois ninguém é livre, salvo Júpiter.

Vulcano

Sei-o, e nada tenho que contradizer a isto.

Força

Não te apressarás pois a circundá-lo de cadeias para que a ti tergiversante³⁶ não veja o pai?

Vulcano

E já à mão se podem ver os elos.

Força

Tomando-os entorno das mãos bate com o malho com grande força; finca-os nas pedras.

Vulcano

Está feito, e não dura este trabalho.

Força

Bate mais; aperta; de nenhum modo alarga; pois é astuto para achar saídas mesmo de cousas sem remédio.

Vulcano

O braço já foi fixado inabalavelmente.

36. “Tergiversante”, isto é, aquele que procura subterfúgios (CALDAS AULETE, 1881, p.1743).

Força

E agora liga este outro firmemente, para que o astuto saiba que é mais obtuso que Júpiter.

Vulcano

Exceto este, ninguém justamente se houvera queixado de mim.

Força

Agora forte enterra através dos peitos os dentes arrogantes da cunha de aço.

Vulcano

Ai, ai, Prometeu, gemo com tuas desgraças.

Força

De novo hesitas, e gemes com os inimigos de Júpiter?
Que não te compadeças de ti um dia.

Vulcano

Vês um espetáculo horrível de ver.

Força

Vejo-o, conseguindo o que é justo; mas lança os vínculos axilares em torno das costelas.

Vulcano

É necessário fazê-lo; não me ordenes demais [.]

Força

Ordenarei certamente, e incitarei com gritos além disso.
Anda para baixo, e aperta com anéis as pernas à força.

Vulcano

E fez-se o trabalho sem grande custo.

Força

Agora finca fortemente as algemas dos pés; pois que o censor
de tuas obras é severo.

Vulcano

A tua linguagem fala cousas semelhantes à tua forma.

Força

Sê mole; mas a minha insolência e crueza de índole não me
exprobes.

Vulcano

Vamo-nos; pois tem redes nos membros.

Força

Procede agora aqui, indolente, e, furtando os privilégios
dos deuses, dá-os aos efêmeros. Que valem os mortais para te ali-
viarem destes trabalhos? Os deuses te chamam com o pseudôni-
mo de Prometeu (previdente); quando tu mesmo precisas de um
Prometeu de modo a te desembaraçares destes artefatos.

Prometeu

Ó ar divino, e ventos de asas velozes, e fontes dos rios, e
ondulações inumeráveis das ondas marinhas; e terra; mãe uni-
versal, e disco onividente do sol; a vós invoco; vede-me quanto eu
deus sofro dos deuses. Vede por quais ignomínias vexado lutarei,
infindos anos. O novo regulador dos felizes inventou por causa de
mim este vínculo aviltante. Ai, ai! Lamento o sofrimento presente,
e o superveniente. De que modo cumpre que um dia surja o termo
destes males? Contudo que digo? Sei de antemão claramente tudo
o que deve vir; nenhum sofrimento chegar-me-á inesperado. É
preciso suportar da melhor mente a sorte destinada, reconhecen-
do que a força da necessidade é invencível. Mas nem calar, nem
não calar me é possível esta sorte, porque, dando privilégios aos
mortais, estou subjugado por estes suplícios. Pesquiso a origem
furtiva do fogo oculta na férula, a qual foi para os mortais mestra
de todas as artes e grande auxílio. Cumpro estes castigos das cul-
pas, estando a céu descoberto pregado com cadeias. Ah! Ah! Ai!
Ai! Que rumor, que cheiro imperceptível voou até mim? Divino;
mortal, ou misto? Veio ao cimo do rochedo algum espectador de
meus males, ou querendo o quê? Vede-me deus infeliz encadeado,
inimigo de Júpiter, incorrendo no ódio de todos os deuses, que
frequentam o palácio de Júpiter, por causa de amizade demasiada
aos mortais. Ai! Ai! Que rumorejar de voadores ouço, de novo,
perto? O ar sussurra com as ligeiras vibrações das asas. Tudo o que
se aproxima é para mim atemorizador.

Coro (Estrofe 1ª)

Nada temas; pois este bando amigo de asas com rápidas porfias elevou-se a este rochedo, apenas convencendo as paternas vontades. Auras velozes me conduziram; porque o eco do tinido do ferro penetrou o recesso dos antros; expeliu de mim o venerável pudor, e descalça precipitei-me no carro alado.

Prometeu

Ai! Ai! Ai! Ai! Prole da fecunda Tétis³⁷; filhas do pai Oceano, que circunvolve toda a terra com insone fluxo, olhai, observai com que cadeia ligado suportarei não invejável sentinela no cume dos rochedos deste precipício.

Coro (Antístrofe 1ª)

Vejo-o, Prometeu; uma névoa temível cheia de lágrimas precipitou-se sobre meus olhos, observando eu teu corpo mirrando-se pregado nos rochedos com estes férreos flagelos; pois novos timoneiros regem o Olimpo, e com leis novas impera Jove³⁸ ilegitimamente; destrói agora o que era antes venerável.

37. Coro composto pelas Oceanidas, filhas de Tétis e Oceano, das quais se destacam Estige, rio que se precipita no Tártaro, e Métis (Astúcia) (HESÍODO, *Teogonia*, vv.337-70).

38. “Jove”: outro nome latino para Zeus.

Prometeu

Prouvera me houvesse arremessado para baixo da terra e Orco³⁹ recebedor dos mortos; para o Tártaro⁴⁰ imenso, tendo me lançado cruéis e indissolúveis cadeias, de modo que nem deus nem outro qualquer se regozijasse disto. Agora desgraçado; dos ventos ludúbrio sofro o que alegra os inimigos.

Coro (Estrofe 2ª)

Qual dos deuses de coração assim endurecido a quem isto agrade? Quem não partilha a dor de teus males, exceto Júpiter? Ele irosamente⁴¹ tendo se posto de ânimo inflexível doma a celeste progênie, nem cessará, antes que ou sacie o coração, ou alguém por qualquer artifício se tenha apossado do governo difícil de tomar.

Prometeu

Certamente o governador dos felizes ainda terá necessidade de mim, maltratado embora por fortes algemas, para eu lhe manifestar o novo trama⁴² pelo qual cetro e honras lhe serão

39. “Orco”: “reino dos mortos, inferno” (CALDAS AULETE, 1881, p.1265), palavra pouco usual nas traduções atuais dos clássicos gregos, usada mais para se referir ao Hades (reino dos mortos) do que ao Tártaro (local de aprisionamento dos deuses banidos).

40. “Tártaro”: local das profundezas da terra onde eram lançados os deuses rebeldes (HOMERO, *Ilíada*, VIII, vv. 481-4). Nessa cosmovisão, o Tártaro ficava numa região mais profunda e remota do que o Hades, lugar onde geralmente ficavam as almas humanas depois da morte.

41. Por mais estranho que nos possa parecer, a palavra “irosamente” era dicionarizada na época do Segundo Reinado (CALDAS AULETE, 1881, p.1004).

42. Palavra normalmente feminina; no entanto, o dicionário Houaiss anota a ocorrência desse termo também como um substantivo masculino, no sentido de “conluio”, “maquinação”.